

O jovem e a droga

É preciso lutar contra a destruição da juventude, que a poderosa lei do mercado lançou no círculo viciado da violência urbana

Vera Malaguti Batista*

A economia liberal é a força motriz do desenvolvimento do mercado de drogas legais e ilegais. O consumo delas é regulado pela lei da oferta e da demanda. Mas, além disso, há uma carga ideológica e emocional em torno do assunto, que criou o mito da droga, disseminado pela mídia e acolhido pelo imaginário social, a partir de uma estratégia dos países capitalistas, responsáveis pela demanda por drogas no mercado internacional.

Segundo a criminóloga venezuelana Rosa del Olmo, nos Estados Unidos, questões econômicas têm sido transformadas em problemas sociais que se expressam em conflitos sobre drogas. A primeira lei federal contra a maconha tinha como carga ideológica a sua associação com imigrantes mexicanos que ameaçavam a oferta de mão-de-obra na depressão de 1929. O mesmo ocorreu com a migração chinesa na Califórnia, que se tornou desnecessária após a construção das estradas de ferro. Assim, os chineses foram associados ao ópio. No sul do país, trabalhadores negros do algodão foram vinculados à cocaína, criminalidade e estupro, no momento de sua luta por emancipação. O medo do negro drogado coincidiu com o auge dos linchamentos e da segregação social legalizada. Esses três grupos étnicos disputavam mercado de trabalho, e se mostravam dispostos a tra-

balhar por menores salários do que os brancos.

Na verdade, o problema da droga é econômico e ideológico. Com a transnacionalização da economia, materializam-se novas formas de controle. Foi criado um sistema jurídico-penal com o fim de criminalizar e penalizar determinadas drogas. É curioso observar que se penaliza sobretudo aquelas vindas das economias periféricas (maconha e cocaína produzidas na América Latina) en-

A rentável cocaína passa a contar com um sistema de divisão de trabalho. Algumas regiões da América Latina se especializam na produção de folhas, outras na fabricação da pasta e refino, outras na comercialização.

No Rio de Janeiro, que não produz cocaína, a partir dos anos 70 houve o fortalecimento gradual do seu consumo. A disseminação traz como contrapartida a especialização da mão-de-obra das comunidades periféricas

grande imprensa consolidam o estereótipo político-criminal. Na medida em que se enuncia a transição democrática, este novo inimigo interno justifica investimentos maiores no controle social.

Na América Latina, os meios de comunicação disseminam o pânico e as leis de mercado se encarregam de recrutar a juventude pobre para os riscos do trabalho no comércio ilegal. Sobre os habitantes das favelas difunde-se o estereótipo criminal; a violência decorrente da disputa pelos pontos de venda aumenta paulatinamente. A desorganização do varejo no mercado de drogas vai intensificando esta disputa e o fortalecimento dos núcleos de força, principalmente nas comunidades próximas aos bairros de classe média.

Num contexto de aprofundamento de uma economia recessiva e de enfraquecimento das políticas sociais básicas, um contingente cada vez maior de jovens pobres vai sendo recrutado a cumprir sua triste sina, seu papel trágico na nova divisão internacional do trabalho. A cocaína — a droga neoliberal, símbolo de êxito e de *status* entre seus consumidores (*yuppies high-tech*, jovens empresários, executivos de bolsa de valores) tem como contrapartida a destruição da juventude pobre das nossas favelas, lançada pela lei de mercado, à criminalização e ao círculo viciado da violência urbana. ■

Um contingente cada vez maior de jovens pobres está sendo recrutado para vender drogas, um papel trágico na nova divisão internacional do trabalho

quanto se permite as ligadas à grande indústria (álcool e anfetaminas).

O sistema neoliberal produz uma visão esquizofrênica das drogas, especialmente a cocaína. Por um lado, estimula a produção e circulação dela; e por outro lado constrói um arsenal jurídico e ideológico de demonização e criminalização desta mercadoria.

Para compreender o impacto da cocaína dos anos 70 em diante, é importante mencionar a crise mundial a partir de 1967 e o modelo recessivo que se segue até 1982, com o aumento de inflação e desemprego gerando uma reestruturação da economia mundial.

na venda ilegal. Começam a aumentar nas delegacias, no juizado de menores, nas unidades de atendimento ao jovem as infrações relacionadas à sua posse, consumo ou venda.

São criados juridicamente dois estereótipos. Aos jovens de classe média que a consomem aplica-se o estereótipo médico, e aos jovens pobres que a comercializam, o estereótipo criminal.

No final dos anos 60, aparecem as primeiras campanhas tratando a droga como inimigo interno. Formou-se um discurso político transformando a droga em ameaça à ordem e às instituições. As ações governamentais e a

* Socióloga, mestranda em História na Universidade Federal Fluminense